



AS SIGNIFICAÇÕES DA SEXUALIDADE EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR NO AMAZONAS

Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira¹
Iolete Ribeiro da Silva²

Resumo: Levando em consideração que a sexualidade no ambiente escolar muitas vezes se manifesta como fantasma impossível de ser erradicado, e, partindo do pressuposto que a escola enquanto espaço institucional sofre variações em decorrência de tempos, culturas, lugares, narrativas históricas etc. onde, não há possibilidades de generalidade dos inúmeros contextos e comunidades escolares específicas; este trabalho discute os significados e sentidos atribuídos a sexualidade em uma comunidade escolar na cidade de Manaus na perspectiva teórica da psicologia sócio-histórica.

Palavras-chave: Sexualidade, significados, sentidos, comunidade escolar.

Abstract: Taking in consideration that the sexuality in the pertaining to school environment many times if manifest as ghost impossible to be eradicated, and, leaving of estimated that the school while institucional space suffers variations in result from times, cultures, places, historical narratives etc. where, it does not have specific possibilities of generality of the innumerable contexts and pertaining to school communities; this work argues the sensible meanings and attributed the sexuality in a pertaining to school community in the city of Manaus in the theoretical perspective of partner-historical psychology.

Key words: Sexuality, meanings, directions, pertaining to school

¹ Mestre. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: sergiosocrates@hotmail.com

² Doutor. Universidade Federal do Amazonas.



community.

Introdução

O presente trabalho é parte e fruto de pesquisa da dissertação de mestrado do primeiro autor, orientada pelo segundo autor. Nessa direção, se apresentam alguns significados e sentidos da sexualidade em uma comunidade escolar na cidade de Manaus. O termo comunidade escolar se refere aos sujeitos que, de alguma forma, se encontram implicados na vivência escolar do aluno (a) de 5ª a 8ª série.

O objetivo geral foi pesquisar junto a uma comunidade escolar quais os significados atribuídos à sexualidade e como estes se manifestam, para tanto, o lócus da pesquisa se deu em uma escola pública estadual da cidade de Manaus. Os objetivos específicos foram analisar a relação entre os significados da sexualidade e as práticas de educação sexual realizada na escola e apontar possíveis sugestões para melhorias destas ações na comunidade escolar.

O trabalho se desenvolveu a luz de uma pesquisa qualitativa e contou com participação de trinta e três sujeitos, sendo nove professores (quatro homens e cinco mulheres), doze alunos de 11 a 13 anos (três meninos e nove meninas), dez alunos de 14 a

16 anos (dois meninos e oito meninas), a diretora da escola e a coordenadora pedagógica.

No intuito de promover a triangulação de métodos, utilizaram-se três instrumentos técnicos metodológicos, foram eles: a observação participante no ambiente da escola, o



grupo focal com professores e alunos e entrevistas individuais com a diretora e a coordenadora da escola, vale ainda lembrar que todo o material recolhido no campo da pesquisa foi analisado com a técnica da análise do discurso.

Sexualidade (s) na escola: de que falamos?

Para discutir a noção de sexualidade na comunidade escolar, cabe um questionamento prévio: há possibilidade de explanar a referida temática sem antes se voltar às bases históricas teórico-filosóficas que dão sustentação aos significados desta dimensão construída ao longo do tempo? Dificilmente. Entretanto o tempo cronológico é ultrapassado quando se refere à noção de sexualidade uma vez que esta não se reduz a uma mera construção temporal em função de seu dinamismo e de seu escape metalingüístico.

Além do pontuado, enquanto generalidade a sexualidade está para todo humano, porém, como contraponto ambivalente, a sexualidade aponta ao mesmo tempo para o mais íntimo e singular de cada um, daí se falar em sexualidades ou singularidades em vivências contextualizadas na escola.

Visando ilustrar alguns pontos da historicidade da sexualidade, partiu-se da visão literária da trilogia¹ de Michel Foucault, pois “[...] pensar com Foucault é sempre pensar bem-acompanhado e com as garras da lucidez e da análise bem-afiadas.” (GUIRADO, 1997, p. 28). Em concordância com a autora, decerto Foucault contribui em grande parte para esse estudo. Talvez, poucos teóricos tenham se voltado com tanta paixão à escrita sobre a sexualidade como é o caso de Foucault e, nesse sentido, torna-se relevante ressaltar que ele não só expõe os contextos e conteúdos históricos, teórico-filosóficos e socioculturais de épocas, mas também e ao mesmo tempo, explicita a dinâmica de funcionamento da sexualidade nas sociedades em que se propôs a pesquisar. Portanto, e, no limite da convicção, sua obra implica em uma condição irrefutável e norteadora para esse trabalho. Foucault auxilia a refletir sobre a sexualidade humana para além do lugar comum na medida em que, ao abordar a temática, aumenta a visão dos que se propõem a estudar tal objeto/processo. Inicialmente cabe lembrar a perspectiva do autor:

Meu propósito não era o de reconstruir uma história das condutas e práticas sexuais de acordo com suas formas sucessivas, sua evolução e difusão. Também não era minha intenção analisar as idéias (científicas, religiosas ou filosóficas) através das quais foram representados esses comportamentos. Gostaria inicialmente de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de “sexualidade”: tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao que ela é associada. (FOUCAULT, 2006, p. 09).

Como se apreende, Foucault anuncia não só o valor de sua obra, mas também seu enfoque uma vez que “O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto



¹ A expressão se refere aos três volumes de Michel Foucault sobre a sexualidade, a saber: Vol. I *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Vol. II *História da Sexualidade: o uso dos prazeres* e Vol. III *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Todos publicados pela Graal editora.



experiência – se entendermos por experiência a correlação, numa cultura, entre os campos do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.” (Idem, p. 10). Nesse sentido, o que estava e está em jogo na noção de sexualidade é a irrefutável condição humana no seu processo de desenvolvimento e de expressão do ser/sujeito relativas ao “saber” e à “cultura”, portanto sua dinâmica é análoga à educação se se entender por educação o sujeito em desenvolvimento que não se reduz aos processos de escolarização.

Contudo, se a sexualidade “invade” a escola como é expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN’s, então qual o significado atribuído a ela? Quais as práticas educacionais relativas à educação sexual nas escolas públicas estaduais da cidade de Manaus? Cabe elucidar que apesar da proposta de “Orientação Sexual” dos PCN’s ter surgido em 1998, sexualidade e sexo já se fazia falar na educação e na escola há pelo menos mais de três séculos, pois,

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala de sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente de sexo. Os construtores pensaram nisso, e explicitamente. [...]. O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separação, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças². O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar – articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. (FOUCAULT, 2005a, p. 30).

Dialogando com o dizer foucaultiano, fica evidente que sexualidade e educação/escola se mostram complementares no processo de desenvolvimento dos sujeitos instituídos no espaço educacional, da mesma forma em que surgem como obscuras as maneiras como eram trabalhadas as questões relativas à sexualidade. Assim, é relevante analisar as instâncias discursivas do sujeito e da instituição (escola) uma vez que “o discurso” representa o complemento engendrado das concretas relações sociais que permeiam as atividades do sujeito, onde, ao mesmo tempo em que se é sujeito da enunciação, se é também sujeito do enunciado circulado na fala institucional da escola e do outro social.

Visualizações da sexualidade através da observação participante

A realização da observação participante na escola Blaise Pascal³ reservou “surpresas” em relação às temáticas da sexualidade e da ES na escola. A situação de “surpresas” pode ser exemplificada na percepção observada da “naturalidade moral” com



² Aqui Foucault cita o *Règlement de police pour les lycées* (1809), art. 67. “Haverá sempre, durante as horas de aula e de estudo, um mestre de estudo vigiando o exterior para impelir que os alunos, que saiam para as necessidades, se detenham e se reúnam.” (N.T. n° 12, Foucault, p. 30, 2005a.).

³ Nome fictício atribuído a escola. Nota do pesquisador.



que alguns professores olhavam a questão da “homossexualidade” entre alunos. Com relação a esta situação, foram presenciados, no campo de pesquisa, alguns discursos carregados de juízo moral valorativo que denegriam o processo de constituição de identidades dos alunos; assim, se pôde ouvir, falas do tipo: *não ande com quem não presta se não você vai pelo mesmo caminho*.

Entretanto, nunca é demais recordar que no campo da sexualidade humana nada é “natural”, nada está dado de antemão, pois “[...] toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada.” (MEYER, 2003, p. 11). Como contraponto às “surpresas”, a observação participante criou o estabelecimento de relações interpessoais de confiança e isto se comprovou ao se ter acesso ao projeto político pedagógico da escola.

Na escola Blaise Pascal, se pôde observar que o discurso disciplinador, traz certa inflexibilidade ou negação de uma visão mais integrada do sujeito para além das “normas” comportamentais estabelecidas por esta em seu espaço institucional. Em outros termos, na escola se verificou, por exemplo, alunos lavando paredes riscadas. Decerto, este trabalho não apóia os alunos que usam esse tipo de dispositivo para se fazerem notados como uma espécie de laço social às avessas, mas também não compreende que, lavando (apagando) suas inscrições identitárias, a escola trabalhe proficuamente esse tipo de manifestação da sexualidade.

Em função desta observação, ficou a impressão de que a dinâmica de funcionamento da escola pautada no seu poder disciplinar representava a “saída” tosca para construção da cidadania almejada por ela. A situação narrada se confirmaria no seu projeto político pedagógico uma vez que *A disciplina é um dos indicadores da qualidade na Educação e foi criada para ajudar a comunidade escolar na avaliação e na melhoria da qualidade da escola. Este é o seu objetivo principal*.

Com efeito, se a inscrição dos alunos, que não se limita ao escrito enunciado em paredes, mas antes, representa a sofisticação de uma forma de sociabilidade própria da ebulição na puberdade, a ausência de um trabalho de educação sexual na escola, e o estatuto disciplinar que esta profere e estabelece para gerenciar suas atividades, carece de reflexão sobre os processos identitários do sujeito, ou seja, a ortopedia disciplinar que incide sobre os corpos e a sexualidade dos alunos não se “acomoda” no dinamismo das relações entre os atores, pois como afirma Louro (2003, p. 49) “Os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades!”.

O que Louro (2003) revela é que o desassossego do processo de identidade como



produtor-produto simultâneo da sexualidade se sustenta na sociabilidade humana que se mostra como parte inserida/integrante no processo de desenvolvimento humano, ao mesmo



tempo em que como uma espécie de metalinguagem dinâmica (retorno ao si mesmo) “É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação.” (CIAMPA, 2001, p. 74). Em síntese: trata-se de dinamismo subjetivo que a um só tempo, se expressa pelo social-singular de significado e sentido que, construídos e mediados nas relações com o outro, a linguagem e o traço histórico-cultural de cada cultura específica, age dialogicamente nas formas de subjetivação do sujeito com o meio e vice-versa.

A sexualidade nos discursos dos professores

Neste grupo focal verificou-se, via discursos dos atores acerca da sexualidade os seguintes núcleos de significação: o biológico/hormonal e o patológico.

A sexualidade e educação nas esferas do biológico/hormonal.

Este núcleo é capital e advém nas falas da maioria dos professores participantes deste grupo. Sem dúvida, estas duas instâncias fazem parte integrante de um número de tantos outros fatores como a cultura em que o sujeito se insere, a conexão do sujeito na relação com o outro, a dinâmica de cada especificidade familiar em que o sujeito se encontra, a circular dimensão da linguagem onde o sujeito ao mesmo tempo em que se produz também é produzido por ela, à condição sócio-econômica de cada sujeito etc., mas para o professor Maurício⁴ são *os hormônios que regem as nossas atitudes, as nossas, os nossos prazeres (né?) ou nossos prazeres desprazeres.*

Para exemplificar de forma mais contundente a dimensão da sexualidade no par biológico/hormonal, pôde-se verificar que, na mesma direção discursiva do professor Maurício, a professora Marta diz que *a questão da sexualidade, vem desde o momento que nós nascemos (ee) o desenvolvimento dessa sexualidade, as fases, o aspecto biológico explica todas as fases do desenvolvimento humano e desde criança ela tem que ser trabalhada, não vejo só na adolescência, mas desde criança.*

A sexualidade como dimensão desviante: o patológico

Na complexidade da temática em questão, é fácil perceber o juízo de valor, do qual todo sujeito possui enorme dificuldade de suspensão, pois, na maioria das vezes, não se dá conta, por exemplo, que este (juízo de valor) contribui para a tentativa de enquadramento da sexualidade no campo da dicotomia normal/patológica. Mediante o esboço traçado se verificou que [...] *a sexualidade e o aprendizado, pra mim, tem tudo a ver (né?) porque se ééé, vamo colocar aqui um aluno com uma sexualidade deturpada (né?) ele vai ter problema de aprendizado. Agora, se essa sexualidade foi bem trabalhada (né?) se tá no momento*



⁴ Todos os nomes dos atores são fictícios.



certo, se ele utiliza essa questão do momento é correto eu acho que a interação dele em sala de aula será bem mais proveitosa. (fala do professor Maurício). Na mesma linha de pensamento, a professora Regina diz que *a sexualidade é algo, assim, que a gente tem que ver como algo bom, mas esse sentido bom se for tratado (né?).*

Se assim se compreende, cabe aclarar que as reverberações destas falas vão de encontro ao entendimento de que todo o processo constitutivo de identidade da criança/adolescente que escapasse à “normalização” de uma cultura específica seria “ruim”, mas é preciso dizer que ruim é a forma muitas vezes velada de etiquetar as crianças/adolescentes nos moldes de uma sociedade regida na batuta da técnica, pois se esquece de vislumbrar as dificuldades que o sujeito encontra na vida ao longo de seu processo de desenvolvimento.

Segundo a professora Marta, *nosso papel é fundamental, como disse o professor Irineu: todos os professores de todas as disciplinas devem trabalhar a sexualidade, tirar muitas dúvidas que eles têm sobre procriação, sexo ee principalmente hoje em dia éé nós nos deparamos com uma coisa que nos choca muito é a questão da homossexualidade (né?).* Com certeza é de bom grado o reconhecimento de um trabalho de educação sexual na escola por parte de todos os professores, mas daí a jogar com a questão da homossexualidade como aquilo que “choca” é no mínimo desrespeitar a escolha de opção sexual do sujeito na sua forma de sustentação da identidade coletiva⁵.

A sexualidade como vivência expressiva: o grupo focal com alunos

Realizaram-se dois grupos focais, sendo um com alunos de 11 a 13 anos e outro com alunos de 14 a 16 anos; observaram-se cinco núcleos de significação: *a sexualidade como dimensão erótica; a sexualidade como respeito à alteridade, a educação sexual na escola como indispensável, a sexualidade como forma de existência e a educação sexual como inadiável.* Contudo, enfocarei somente aquilo que no julgo do pesquisador se manifestou mais relevante para o momento.

A sexualidade como formas de existências e a educação sexual na escola

Segundo a aluna Deise, sexualidade é *praticar* o ato sexual, já para Maristela representa o *prazer que cada pessoa sente* ao passo que para Fabiana é *o jeito que eu me expresso, alguma coisa assim, do jeito que eu sou. É, é, acho que é eu ser eu mesma do jeito que eu sou por dentro. Pra poder se expressar (né?) com as outras pessoas. Acho que é isso, coisa de si mesmo que vem de dentro* e da mesma forma para Luíza é *tipo assim, o*

⁵ O presente trabalho compreende que a sexualidade participa das construções identitárias, mas somente referenciadas no



coletivo, por exemplo: grupo de homossexuais, simpatizantes etc. Porém, e ao mesmo tempo não se reduz a coletividade identitária uma vez que, no espaço subjetivo/intersubjetivo topológico, é impossível um sujeito vir a ocupar o lugar de um outro, ou seja, de sentir/vivenciar pelo outro. Nota do pesquisador.



que ela falou (né?): sermos nós mesmos, assim. Mas para Juliana a compreensão da sexualidade, ainda que vá, na mesma linha de raciocínio do “prazer” acho que é o prazer de cada pessoa, também vai em direção a outro sentido que não é o “natural”, pois Acho que é o prazer que vem de cima. Porque foi a mesma coisa que nós abordamos a “sexualidade” é o prazer que cada um sente. Nem tudo a gente sente prazer.

Destarte, segundo a aluna Marta, um trabalho de educação sexual na escola pode auxiliar no intuito de *ficar informada, porque quando for transar, pelo menos se fizer a besteira, pelo menos pra não acabar engravidando. Esse tipo de coisa.* Na fala de Marta, fica evidente o significado das relações sexuais como “besteira” para as crianças e o caráter preventivo que um trabalho de educação sexual na escola pode trazer em benefício do aluno (a) e conseqüentemente de seus familiares.

Conclusão

Respondendo aos objetivos propostos neste estudo, se chegou à compreensão de que a sexualidade representa para professores (as) uma espécie de aptidão natural biológica que se não for “trabalhada/tratada” pode ser/ou se tornar patológica no processo de escolarização do aluno, onde, ao mesmo tempo em que reflete o gênero humano (enquanto dicotomia ancorada no par masculino/feminino), imbrica-se também, ao desejo de saber compendiado na tradição histórico-cultural.

Entretanto, para os alunos, a sexualidade está mais próxima ao processo da construção de identidade humana através da linguagem e práticas de vivências coletivas, pois reconhecem a relevância das palavras e dos comportamentos como mediadores das concretas relações sociais intersubjetivas, ao mesmo tempo em que percebem o erotismo no olhar do outro (professor).

Mediante ao narrado, os alunos acreditam que os mais variados problemas acerca da sexualidade não podem ser “resolvidos” com medidas drásticas ou dramáticas na direção de sentidos (afecções na vivência) e significados (construções simbólicas mutáveis ao longo do tempo histórico) que implicam desenvolvimento humano.

Desta forma, verificou-se que apesar das divergências na compreensão acerca da sexualidade, há o ponto comum do reconhecimento da importância de um trabalho de educação sexual na escola desde que, se respeite a diversidade no coletivo da construção metodológica para tal feito.

Não menos importante, foi verificar que os caminhos metodológicos percorridos na pesquisa, possibilitaram a compreensão de que os instrumentos técnicos empregados (observação participante, grupos focais e entrevistas individuais) foram valiosos quando



utilizados no intuito de complementaridade mútua, pois produziram um rico material para análise. No entanto, se a observação participante não tivesse se limitado ao pátio da escola,



ou seja, se sua realização tivesse se dado também no interior das salas de aula, sem dúvida outras situações passíveis de análise e reflexão enriqueceriam mais as informações apreendidas na interação com a comunidade escolar estudada. Além do pontuado, a forma de análise do material (análise do discurso) possibilitou a apreensão dos possíveis motivos que silenciam pais/responsáveis “ausentes” do espaço escolar e, neste caso, a elaboração e utilização de questionários talvez tivesse sanado em parte a lacuna de seus não-discursos.

Para o futuro, talvez, fosse interessante realizar pesquisas que incidam sobre o distanciamento dos pais/responsáveis do espaço escolar, ou seja, que investiguem a relação institucional das escolas com as famílias. Para além do exposto, quem sabe seria viável também, realizar estudos sobre as relações eróticas e afetivas que envolvem professores (as) e alunos (as) e a relação da sexualidade juvenil com a mídia televisiva.

Referências

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In LANE, Silvia T. M. & CODO, Wanderley (orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal [1988], 16ª edição, 2005a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade vol. 2: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal [1984], 11ª edição, 2006.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In AQUINO, Groppa Julio. (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo. Ed. Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre. (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre. (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2003.